

**A “ILHA DA MAGIA” E SEUS ALQUIMISTAS: ALTO-RELEVO DE PROCESSOS
RECENTES NUMA CIDADE-CAPITAL**

Hoyêdo Nunes Lins – PPGE/UFSC

E-mail: hnlins@cse.ufsc.br

...jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve (Italo Calvino)

Resumo

A Ilha de Santa Catarina, espaço que abriga a maior parte da capital catarinense – o Município de Florianópolis –, é reverenciada em distintas latitudes por conjugar atributos que, segundo alguns pontos de vista, fazem-na destoar do que parece ser a tônica na paisagem urbana brasileira, marcada por gritantes mazelas. Diversidade de condições para a prática do turismo e particularidades que vários observadores consideram tributárias de uma qualidade de vida invejável costumam figurar com destaque nas manifestações de exaltação. Tomando esse contexto como pano de fundo, o artigo aborda processos recentes da socioeconomia local, vinculados particularmente aos setores de turismo e *software*, e explora alguns de seus reflexos na configuração do espaço urbano insular. Ao mesmo tempo, lançando mão de estudos específicos e de informações disponibilizadas pela Prefeitura Municipal, o texto perscruta a cidade exterior às imagens-símbolo, estranha às estratégias de *marketing* e geralmente desconsiderada nos grandes projetos desenhados para a Ilha. Conclui-se que o mesmo tecido urbano que enseja celebrações entusiasmadas das condições locais abriga a progressiva consolidação de uma realidade em quase nada distinta das que se testemunham em outros ambientes urbanos no país.

Palavras-chave: Ilha de Santa Catarina; cidade turística e tecnológica; pobreza e segregação sócio-espacial

1. Introdução

Representando em termos territoriais quase a totalidade do Município de Florianópolis, que é sede político-administrativa do Estado de Santa Catarina e também centro de gravidade de um aglomerado urbano cuja composição mais restrita (incluindo, além de Florianópolis, os municípios de Biguaçu, Palhoça e São José) exibia população de quase 770 mil habitantes em 2007 (conforme a contagem populacional do IBGE naquele ano), a Ilha de Santa Catarina tem sido repetidamente aludida com imagens-símbolo de verdadeira sublimação.

Recentemente, a Ilha foi objeto de reportagem em jornal britânico na qual mereceu o qualificativo de “St. Tropez da América do Sul” (ROGERS, 2006). Pouco antes fora considerada, em periódico estadunidense, uma espécie de “resposta de Santa Catarina a Cancún” (GOMELSKY, 2004). Essas indicações representam o alargamento (melhor dizer a

III ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE

23, 24 e 25 de abril de 2009 – Blumenau, SC

Artigos Científicos

Área Temática: Desenvolvimento regional e meio ambiente

internacionalização) de um horizonte apreciativo que no começo dos anos 1990 registrava a divulgação, em todo o país, do que era considerado “a estrela do verão brasileiro” (FABRIS, 1993, p.1). Tal exaltação estaria a confirmar impressões ao estilo da que, tão remotamente como na primeira metade da década de 1960, estimulou Carneiro (1964, p.16) a sublinhar que a contemplação da Ilha “produz sempre uma sensação de deslumbramento”.

As referidas imagens escoram-se, como é fácil perceber mesmo para quem nunca visitou a Ilha, na avaliação dos atributos que subjazem à consolidação desse local como destino de fluxos turísticos. Baseiam-se antes de tudo no julgamento dos fatores vinculados à sua estrutura paisagístico-natural, que incluem numerosas praias aptas, no conjunto, para variados tipos de uso. Mas o simbolismo incrustado nas apreciações ultrapassa a convicção de que na Ilha de Santa Catarina conjugam-se sedutores atrativos para lazer e entretenimento. Uma qualidade de vida pretensamente mais elevada, em termos comparativos, é aspecto costumeiramente salientado. Por exemplo, revista que circula em todo o território brasileiro designou Florianópolis como a “Flórida brasileira” (SILVA, 2003), aludindo à magnetização que a cidade exerceria junto a contingentes aposentados, transferidos principalmente desde o Rio Grande do Sul e São Paulo. Mas também parecem ter causado impressão alguns movimentos no âmbito da economia: matéria dedicada às iniciativas de desenvolvimento de *software* no Brasil, publicada no estadunidense *The Atlantic* em meados da década passada, noticiou que o país cultivava nada menos que “um tipo de Silicon Valley – a cidade de Florianópolis, espécie de ilha-resort na costa do sulino Estado de Santa Catarina” (FALLOWS, 1994).

St. Tropez, Cancún, Flórida, “Silicon Island”: associações, entre possíveis outras, que inculcam no imaginário a presença de uma condição local quase paradisíaca, de todo modo dissonante do padrão urbano brasileiro em vários sentidos. A criação e o intenso emprego, no *marketing* principalmente turístico, da expressão “Ilha da Magia” representam estratégia que simultaneamente aproveita-explora esse “capital simbólico” e ajuda a ampliá-lo. A contribuição decorre da evocação de uma atmosfera quase mágica, não raro lúdica e fascinante, que manifestações artísticas como as enfeixadas na produção literária, genericamente falando, tendem a vincular à condição de insularidade. No caso em foco, a fórmula parece inspirada no que Franklin Cascaes referiu como mito-magia ou universo fantástico da Ilha (CASCAES, 1979), vinculados a uma história local entre cujos movimentos sobressai a instalação de milhares de colonos açorianos no século XVIII.

Este artigo tem um duplo foco. De um lado, explora processos recentes da socioeconomia de Florianópolis, sublinhando os reflexos na configuração do espaço urbano, especialmente no que respeita aos dois setores anteriormente destacados, a saber, turismo e *software*. De outro lado, perscruta a Florianópolis exterior às imagens-símbolo, voltando-se à cidade (por assim dizer) “forasteira”, estranha às estratégias de *marketing* e não contemplada pelos grandes projetos que se desenham para a Ilha de Santa Catarina. O ponto de partida é a contextualização do tema, o que implica falar do papel econômico das cidades e da transformação contemporânea dos espaços urbanos, inclusive no Brasil.

2. A cidade e o urbano: economia, heterogeneidade, heterotopia

O desenvolvimento tecnológico das últimas décadas, permitindo avanços nos transportes e comunicações capazes de ilustrar a assertiva de Marx (1973) de que no capitalismo ocorre “aniquilação do espaço pelo tempo” (p. 524), deu margem a argumentos sobre a perda de importância tanto da localização como das relações de proximidade para o desempenho econômico. As cidades, redutos por excelência das vantagens representadas pela aglomeração, teriam assim questionada a sua relevância econômica, uma tendência que ganhava força com o que parecia ser, entre os anos 80 e 90, um preocupante declínio de algumas importantes áreas urbanas em distintos países (FAZEY, 1993).

Esse quadro estimulou análises (acadêmicas) como a de Glaeser (1998), interrogando sobre o que se dizia ser a “morte” das cidades, e também reportagens para públicos mais amplos, divulgadas em revistas de circulação mundial como a *The Economist* (TURN..., 1995). Em ambos exemplos a aludida perda de importância é rejeitada, uma posição que reverbera abordagens desenvolvidas em diferentes “escolas”, convergentes na reafirmação da importância das relações de proximidade e, por extensão, das cidades para o desempenho e a dinâmica da economia. O leque abrange desde a chamada escola californiana, que salienta o papel da organização produtiva e dos custos de transação (STORPER; WALKER, 1989), até a escandinava, em que se acentuam a aprendizagem coletiva e a inovação (MALMBERG; MASKELL, 1997), passando pela “Escola Francesa de Proximidade”, cuja ênfase recai sobretudo na questão da governança (TORRE; GILLY, 2000), e pelas análises sobre os “distritos italianos”, nas quais se dá realce, entre outros aspectos, à influência das instituições (BECATTINI, 1992).

A relativa confluência analítica não surpreende, pois a importância econômica das cidades é um dado histórico. Não apenas o surgimento destas “abre as portas ao que

III ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE

23, 24 e 25 de abril de 2009 – Blumenau, SC

Artigos Científicos

Área Temática: Desenvolvimento regional e meio ambiente

chamamos *história*” (BRAUDEL, 1997, p.439 – itálico no original), como “qualquer cidade, seja ela qual for, é antes de tudo um mercado” (op cit., p.459). Todavia a importância histórica efetivamente se revela quando – conforme a tipologia apresentada por Lefebvre (1970) – a cidade deixa de ser somente comercial e torna-se industrial, processo que leva “à urbanização da sociedade, ao tecido urbano recobrando os restos da cidade anterior à indústria” (p. 23). Remy (1966) assinala, com efeito, que, “entre atividade econômica e desenvolvimento urbano, existe uma *ligação estreita que se afirmou com a industrialização.*” (p. 260 – itálico no original).

Tanto hoje como em termos históricos, o substrato da referida importância econômica reside no fato de que as cidades significam multiplicidade, diversidade e heterogeneidade. Esses atributos, potencializados pela situação de proximidade geográfica, representam vantagens para os negócios por outorgarem ganhos de escala e numerosas possibilidades para diferentes tipos de compartilhamentos e complementaridades (QUIGLEY, 1998). Essas complementaridades parecem figurar inclusive na base do desempenho inovativo das empresas, quando estas participam de tecidos urbanos caracterizados pela diversificação das atividades neles localizadas, como sugerido por estudos como o de Feldman e Audretsch (1999).

Essas características das cidades – diversidade, heterogeneidade, multiplicidade, em espaços densamente povoados e com elevada frequência de contatos internos – fortalecem-se como traços da própria vida social, em termos gerais, na medida em que o processo de urbanização ganha velocidade e se aprofunda, como no período atual. Principalmente nos tecidos urbanos de maiores dimensões, esse movimento tende a generalizar perfis citadinos de múltiplos centros, talvez conferindo razão ao vaticínio de Ullman (1970) décadas atrás, segundo o qual a “metrópole de hoje, e cada vez mais no futuro, não é só uma cidade, mas uma federação de centros gerais e especiais” (p. 19).

É importante destacar que processos desse tipo estariam a contribuir para reflexões sobre um urbanismo dito pós-moderno. A ênfase de tais análises recai sobre aspectos como polarização social (em suas várias formas), diversidade (incluindo hibridização cultural) e fragmentação (implicando segregação), como sugerem Dear e Flusty (1998) a partir de estudo sobre Los Angeles. Daí que talvez seja pertinente aplicar, em leituras assim caracterizadas sobre a cidade contemporânea, a expressão “heterotopia”, que Michel Foucault utiliza para referir à existência de “espaços diferentes”, de “outros lugares, uma espécie de contestação simultaneamente mítica e real do espaço em que vivemos” (FOUCAULT, 2001, p.416). O

sentido de confronto, ou pelo menos de marcante contraste, é traço essencial da heterotopia, pois esta “tem o poder de justapor em um só lugar real vários espaços, vários posicionamentos que são em si próprios incompatíveis” (op cit., p.418).

Justaposição de vários espaços, contrastados e em confronto, é o que se observa de modo particularmente eloqüente nas cidades latino-americanas no curso da urbanização das sociedades do subcontinente, como deixa entrever Manuel Castells no prólogo da edição para a América Latina do seu (provavelmente) mais conhecido livro (CASTELLS, 1983). No período contemporâneo, em que a lógica da assim chamada globalização impõe-se como vetor de mudanças em todo o planeta, as grandes cidades latino-americanas experimentam processos que incluem uma “possível evolução rumo a uma (...) **cidade fractal**, em que um conjunto de fenômenos associados – como o aumento das desigualdades sociais, da segregação residencial, da delinqüência, do conflito social etc. – marcariam de forma inexorável a paisagem social da nova cidade” (MATTOS, 2002, p. 7 – negrito no original).

O Brasil não destoa – ao contrário, reitera – do movimento geral da urbanização latino-americana, no que este tem de crescimento rápido, ligado à desestruturação de formas mais tradicionais de reprodução da força de trabalho no meio rural, e também de geração de “cidades múltiplas” no seio dos espaços urbanos, haja vista a profunda heterogeneidade sócio-espacial implicada (FARIA, 1991). É ilustrativo da heterotopia presente no meio urbano brasileiro o teor de uma matéria, publicada há alguns anos pela revista *CartaCapital*, sobre a coexistência no Município de São Paulo de uma tribo indígena – aldeia Krukutu, onde se fala guarani, situada no distrito de Parelheiros – e de uma localidade como Vila Nova Conceição (distrito de Moema), “o mais valorizado bairro paulistano na atualidade, com imóveis até 40% mais caros do que a média” (MENEZES, 2002, p.15). Separadas por não mais de 40 km, as famílias de um lado e de outro registravam rendas médias mensais de R\$ 6,82 e R 18.876, respectivamente, uma diferença de 2.768 vezes.

Todo o referido significa contextualização da abordagem de qualquer realidade urbana. Portanto, deve ser visto como marco de referência para um discurso sobre Florianópolis, nos moldes vislumbrados para este artigo.

3. Florianópolis e seu aglomerado: um retrato geral da socioeconomia

Florianópolis participa atualmente com pouco mais da metade do contingente populacional do seu aglomerado urbano – o Aglomerado Urbano de Florianópolis (AUF) –, área de residência para 13,1% da população de Santa Catarina. Esse quadro reflete trajetória

III ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE
23, 24 e 25 de abril de 2009 – Blumenau, SC
Artigos Científicos
Área Temática: Desenvolvimento regional e meio ambiente

de veloz expansão nos contingentes do aglomerado: a população estadual dobrou entre 1970 e 2007, mas no AUF o crescimento foi de 3,5 vezes. (Tabela 1).

Basicamente, a referida situação deriva de dinamismo migratório que permitiu ao AUF ombrear-se em capacidade de atração com diversas outras áreas urbanas de porte médio no Brasil. Todavia, diferentemente de outros espaços, no AUF a observada movimentação demográfica decorre de opção não vinculada a qualquer especificidade produtiva. Para pelo menos parte dessas migrações, vale uma das conclusões de Oliveira (2006) sobre os motivos do crescimento das cidades brasileiras na última década do século XX: “Cidades com maior renda e qualidade de vida em 1991 foram as que mais cresceram” (p. 448). Mas a condição de capital do estado e a concentração de atividades terciárias – sobretudo serviços – são determinantes centrais do afluxo, caudatário de dificuldades para reprodução social nas áreas de origem.

Tabela 1 – Aglomerado Urbano de Florianópolis: evolução da população residente

Anos	Biguaçu	Florianópolis	Palhoça	São José	AUF	Santa Catarina
1970	15.337	138.337	20.652	42.535	216.861	2.901.734
1980	21.441	187.880	38.023	87.822	335.166	3.627.933
1991	34.639	258.383	68.564	132.208	493.794	4.541.994
1996	40.047	271.281	81.176	151.024	543.528	4.875.244
2000	48.077	342.315	102.742	173.559	666.693	5.356.360
2007	53.499	396.723	122.471	196.887	769.580	5.868.014

Fonte: IBGE. *Censos Demográficos*: 1970, 1980, 1991, 2000
IBGE. *Contagens Populacionais*: 1996 e 2007

A abrangência dessas migrações tem escopo amplo, quer espacialmente, quer na sua composição sócio-profissional. Trata-se de contingentes oriundos tanto de outros estados como de municípios catarinenses que “expelem” força-de-trabalho em virtude da precária situação local. A região serrana e porções do oeste e do meio-oeste são destaques no segundo grupo (MIOTO, 2008), gerando fluxos que, marcando continuamente a geografia das migrações no estado, não passam despercebidos dos meios de comunicação, como indicam reportagens que focalizam sobretudo os deslocamentos de jovens para o litoral catarinense (BASTOS, 2001; DEBONA, 2008). Sobre os que migram desde outros estados, o realce da influência local sobre as decisões de transferir a moradia costuma destacar, além dos movimentos de aposentados, a fixação de “famílias de alto padrão de renda vindas de fora e

III ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE

23, 24 e 25 de abril de 2009 – Blumenau, SC

Artigos Científicos

Área Temática: Desenvolvimento regional e meio ambiente

em que o marido viaja para São Paulo ou para o Rio a fim de trabalhar durante a semana e volta para casa na sexta-feira” (SILVA, 2003, p.88).

A distribuição dos novos contingentes no AUF é presidida pelas condições que regem o mercado imobiliário. Na Ilha, localizações externas às comunidades de baixa renda, que pontilham morros e alguns ambientes frágeis, são prerrogativa dos estratos de maior poder aquisitivo. As engrenagens daquele mercado – combinando tendência à construção de imóveis caros na Ilha e escalada nos preços dos terrenos –, associadas à atuação do poder público – que tende a privilegiar áreas mais nobres na oferta de infra-estrutura e serviços urbanos, afetando os preços –, com pano de fundo de “valorização” das propriedades pela própria condição insular, praticamente eliminam as chances dos contingentes pobres fora das áreas de risco. Estes, quando não se inserem nas comunidades carentes da Ilha, demandam, assim, os municípios vizinhos, o que explica o veloz crescimento de São José nos anos 70 e o de Biguaçu e Palhoça nas décadas seguintes.

Guarda sintonia com essa diferenciação locacional a “explosão dos shoppings” (FARIA, 2006) observada na Ilha nos últimos anos, pois um certo espessamento das camadas sociais mais afluentes, fruto das mudanças populacionais recentes, repercute em novos espaços de consumo de mercadorias, lazer e entretenimento. Cabe dizer o mesmo do comportamento do setor imobiliário. Após preocupante queda nos investimentos duas décadas atrás, houve recuperação, já no começo dos anos 90, que até envolveu construtores de outros estados (GRANDES..., 1993) atraídos pelas promessas do crescimento populacional e do comportamento do turismo. Ao que parece, o dinamismo da construção civil persistiu, resultando em forte adensamento do triângulo central da sede do município e, haja vista a representatividade do turismo, de localidades litorâneas como Lagoa da Conceição, Ingleses e Canasvieiras (VEBER, 2004).

Basta evocar essa dinâmica recente na conformação do espaço urbano para indicar que no AUF as situações municipais se entrelaçam e influenciam reciprocamente. Cada município é segmento de um *continuum* urbano cujas fronteiras internas são apenas institucionais. Claro que isso não significa homogeneidade em termos socioeconômicos. Os serviços representavam mais de 70% do produto total de Florianópolis em 2005, bem acima do que aparece registrado nos outros municípios. Em Biguaçu e Palhoça, a participação da agropecuária superava muitas vezes o observado em Florianópolis e São José; e Florianópolis tinha a menor presença relativa da indústria, mesmo que o respectivo valor absoluto alcançasse R\$ 596 milhões, o mais elevado do AUF (Tabela 2).

III ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE

23, 24 e 25 de abril de 2009 – Blumenau, SC

Artigos Científicos

Área Temática: Desenvolvimento regional e meio ambiente

Tabela 2 – Aglomerado Urbano de Florianópolis: valor adicionado por grandes grupos de atividades em 2005 (R\$ milhão)

Valor adicionado	Biguaçu		Florianópolis		Palhoça		São José	
	Valor	%	Valor	%	Valor	%	Valor	%
Agropecuária	28,74	3,5	19,35	0,3	17,65	2,4	6,66	0,2
Indústria	141,65	17,4	596,34	9,5	149,51	20,8	423,06	16,2
Serviço	538,94	66,1	4.406,94	70,4	494,17	68,7	1.720,37	65,9
Impostos	106,37	13,0	1.236,76	19,8	57,69	8,0	461,02	17,7
PIB a preço corrente	815,71	100	6.259,39	100	719,01	100	2.611,1	100

Fonte: IBGE. Cidades <www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>

4. Município de Florianópolis: dois destaques da estrutura econômica

A importância das atividades terciárias no Município de Florianópolis transparece na estrutura do emprego, conforme captado pela Relação Anual das Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho e Emprego, que informa sobre o emprego formal. A tabela 3 apresenta dados extraídos dessa fonte para 1997 e 2006, recobrando, portanto, um decênio.

Tabela 3 – Empregos por tipos de atividades em Florianópolis – 1997 e 2006

Atividades	Empregos em 1997	Empregos em 2006
Atividades primárias	2.073	1.160
Pesca, aquicultura e serviços relacionados	226	628
Atividades extrativas	81	75
Indústria de transformação	4.295	8.606
Alimentos e bebidas	606	1.869
Fabricação têxtil	545	162
Confecção de vestuário	450	507
Edição, impressão, reprodução	1.172	1.898
Fabricação de máquinas e equipamentos	84	630
Fabricação de material eletrônico, aparelhos de comunicações	47	767
Móveis e indústrias diversas	209	485
Construção	4.112	8.074
Eletricidade, gás, água	3.951	1.927
Comércio atacadista e varejista; reparação	16.105	50.669
Alojamento e alimentação	5.958	24.895
Transporte e atividades anexas (inclui agências de viagem)	4.251	10.727
Correio e comunicações	3.032	2.529
Finanças, seguros, previdência complementar	5.887	7.005
Atividades imobiliárias	3.441	9.210
Aluguel de veículos e máquinas e equipamentos sem condutores	288	1.495
Atividades de informática e serviços relacionados	3.171	8.761
Pesquisa e desenvolvimento	145	946

III ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE

23, 24 e 25 de abril de 2009 – Blumenau, SC

Artigos Científicos

Área Temática: Desenvolvimento regional e meio ambiente

Serviços prestados principalmente às empresas	10.909	39.709
Administração pública, defesa e seguridade	73.668	109.624
Educação	3.696	8.693
Saúde e serviços sociais	3.836	6.900
Limpeza urbana e esgoto e atividades ligadas	31	1.935
Atividades associativas, recreativas, culturais e desportivas	5.879	13.581
Serviços pessoais e domésticos	678	1.450
Outros (inclui reciclagem); não informado; ignorado	1.173	13
Total	156.325	317.974

Fonte: RAIS 1997 e 2006

Obs.: A classificação de atividades utilizada como base é a DIV CNAE 95; algumas atividades foram fundidas na elaboração da tabela

Os dados referentes a 2006, por exemplo, mostram que as atividades primárias, extrativas e da indústria de transformação mal superam 3% do total do emprego, e que não muito menos de 2/3 distribui-se entre administração pública, defesa e seguridade social (34,5%), comércio atacadista e varejista e de reparação (15,9%) e serviços prestados às empresas (12,5%). Merecem também realce as atividades de alojamento e alimentação (7,8%), as associativas, recreativas, culturais e desportivas (4,3%) e as de transportes e anexas e de apoio, incluindo as das agências de viagem (3,4%). Esse conjunto representa mais de 78% dos quase 318 mil empregos repertoriados pela RAIS em Florianópolis em 2006.

Contudo, são dois segmentos do grande grupo dos serviços que exibem, de fato, particular destaque nas últimas décadas, fazendo Florianópolis figurar como destino de investimentos que até afetam a paisagem urbana: os segmentos de turismo e de desenvolvimento de *software*.

4.1. Florianópolis turística

Sobre o turismo, ninguém discorda de que Florianópolis, a Ilha de Santa Catarina em primeiro lugar, apresenta forte envolvimento com o setor. A estrutura local de hospedagem e alimentação possui numerosas empresas, distribuídas em diferentes localidades, que permitem variadas opções de pernoite e alimentação. As atividades de apoio incluem desde agências de viagem e turismo até iniciativas de sustentação à vida noturna e ao lazer, além de diversificadas práticas comerciais e de serviços. No tocante às instituições públicas e privadas, cabe destacar a Santa Catarina Turismo S.A. (SANTUR) e o Florianópolis *Convention & Visitors Bureau*, assim como o Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares e as instituições de formação técnica e superior em turismo. Tudo somado, tem-se

III ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE

23, 24 e 25 de abril de 2009 – Blumenau, SC

Artigos Científicos

Área Temática: Desenvolvimento regional e meio ambiente

uma constelação de agentes e atividades cujo centro de gravidade é o turismo, um conjunto que ganhou corpo à medida que a base natural da área ampliou o seu arco de atração sobre diversos mercados emissores, no Brasil e no exterior.

A trajetória turística local não se desdobrou por período muito maior que três décadas, desde meados dos anos 70, quando teve início o processo de consolidação da área como importante destino de fluxos. Apesar das oscilações, a tendência foi de expansão tanto do número de turistas como do volume de gastos, com reflexos na oferta de serviços: a disponibilidade de leitos em hotéis, por exemplo, cresceu de um patamar inferior a 6 mil em 1986 para nível de 18 mil em 2002, triplicando em menos de 20 anos. Isso repercutiu em termos de empregos. O crescimento das atividades de alojamento e alimentação, que atingiu 79% na quantidade de estabelecimentos entre meados dos anos 90 e meados da década em curso, explica o comportamento dos empregos vinculados, cujo número mais que triplicou entre 1997 e 2006, passando de 5.958 para 24.895, conforme a tabela 3. Como o trabalho nesse setor caracteriza-se por elevada informalidade, e como a RAIS só reflete as relações formais, cabe considerar que a realidade do trabalho em foco é muito mais abrangente. Mas o turismo também afeta as atividades imobiliárias, o aluguel de veículos e as atividades associativas, recreativas e culturais. Para todas, os dados indicam multiplicação dos estabelecimentos e dos empregos.

Essa trajetória é vetor de transformação urbana na Ilha de Santa Catarina. Isso é visível em lugares que, até recentemente não mais que acanhados vilarejos litorâneos, viraram espaços urbanizados quase auto-suficientes em vários aspectos (Canasvieiras, Ingleses, Lagoa da Conceição), e também onde, sem que qualquer ocupação existisse há alguns anos, instalou-se uma rápida urbanização (Jurerê Internacional, Praia Brava). Esses movimentos referem-se majoritariamente aos balneários das costas leste e norte da Ilha de Santa Catarina, com efeitos na modelagem de uma “paisagem” turística bastante diferenciada entre as porções norte e sul do território insular (MINGORI, 2001).

Como se falou, a atratividade local reside basicamente na qualidade dos recursos naturais, as praias em primeiro plano. Portanto, comprometer a balneabilidade significa ameaçar o turismo, para não falar na qualidade de vida da população. O monitoramento das condições de balneabilidade indica que algumas das principais praias apresentam pontos onde a concentração de dejetos supera de longe o nível de “apropriado para banho”. Isso ocorre mesmo em localidades centrais do *marketing* turístico, sendo a Lagoa da Conceição o principal exemplo, mas resultados preocupantes são observados também em praias como

Cachoeira do Bom Jesus, Canasvieiras, Ponta das Canas, Jurerê e Ingleses. Esse problema é recorrente, pelo que indicam manchetes de quase 20 anos atrás (ESGOTO..., 1991), algo revelador da incapacidade do sistema local para agir sobre um aspecto básico da sua realidade turística. Note-se que em algumas localidades a origem dos dejetos inclui integrantes da oferta de serviços turísticos (restaurantes, por exemplo), agentes que por razões óbvias deveriam cuidar da qualidade dos recursos (LINS, 2000). Comportamentos comprometedores do futuro do turismo denotam fragilidade da governança local, sugerindo que a aprendizagem propiciada por uma trajetória de anos não redundou em comportamentos pautados na idéia de que o desenvolvimento desse setor não significa só grandes fluxos de visitantes, mas principalmente a defesa sem concessões dos patrimônios, entre eles o ambiental (LINS, 2007).

O papel do setor público é básico no equacionamento desse tipo de problema, mas também em relação a isso o exercício da governança deixa a desejar. Com efeito, a condição insular presente na maior parte do território municipal e a combinação de aspectos geomorfológicos como morros, planícies costeiras, manguesais, praias e costões significam restrições a uma ocupação sem atenuantes. Apesar disso, o tecido urbano, além de se adensar dramaticamente no centro da cidade e nas suas proximidades, avançou fortemente rumo às costas norte e leste da Ilha de Santa Catarina, impulsionado por um crescimento populacional que se revela em claro descompasso com a oferta de serviços públicos e as infra-estruturas. Essa urbanização avassaladora ocorre a descoberto do planejamento e do controle, quer dizer, do exercício regulador protagonizado pelo Estado.

4.2. Florianópolis tecnológica

Quanto às atividades relacionadas ao desenvolvimento de *software*, deve-se enfatizar que Florianópolis é uma das três cidades catarinenses onde a indústria de alta tecnologia exhibe maior destaque (as outras são Blumenau e Joinville). Suas empresas possuem atividades em diferentes segmentos da alta tecnologia, mas, embora operem também com *hardware* (fabricando, por exemplo, máquinas para corte e gravação a laser de diferentes tipos de materiais, como para a indústria têxtil-confeccionista), é em *software* que a maioria marca presença efetivamente. Nesse segmento, o maior número dedica-se ao desenvolvimento de *softwares* para gestão administrativa, administração industrial e automação comercial, assim como em soluções para Internet, sendo quase todas de pequeno porte e com tempo de

III ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE

23, 24 e 25 de abril de 2009 – Blumenau, SC

Artigos Científicos

Área Temática: Desenvolvimento regional e meio ambiente

funcionamento não muito superior a quinze anos, marcando presença predominantemente em mercados domésticos (NICOLAU; ALMEIDA, 2005).

Esse tecido empresarial interage com tecido institucional que registra funções de coordenação e de ensino e pesquisa, assim como de incubação de empresas, o conjunto configurando uma espécie de aglomerado (LINS, 2005) que ostenta considerável vitalidade, a julgar pelos dados captados pela RAIS. De fato, como exibido na tabela 3, em 2006 o número de empregos no item “atividades de informática e serviços relacionados” era de 8.761, quase o triplo do que existia em 1997; esse movimento corresponde a dinamismo na esfera dos estabelecimentos que resultou em duplicação da sua quantidade.

Assinale-se que esses números referem-se ao mais recente período de uma trajetória que remonta à década de 60, quando foi criada a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e sofreu impulso desde os anos 70, com a instalação da Eletrosul Centrais Elétricas S.A. e da antiga Telecomunicações de Santa Catarina S.A. (TELESC). As primeiras empresas de alta tecnologia foram criadas por ex-quadros técnicos (aposentados ou desligados) dessas empresas estatais, em distintos casos na esteira de problemas, como ocorreu com a Eletrosul (VOGEL, 1991), ou devido à privatização, como na TELESC. Tal processo de *spin-off* aconteceu principalmente a partir do início dos anos 80 e adquiriu intensidade nos 90, no bojo do Projeto Tecnópolis, que em 1993 fez surgir o Parque Alfa, hoje local de funcionamento de empresas e instituições.

A expansão ganhou força com a vinda de empresas transferidas total ou parcialmente de outros estados, reflexo de uma opção por Florianópolis (XAVIER, 1991). Entre os principais fatores de atração figura a oferta local de recursos humanos, o que remete ao papel da UFSC. Por exemplo, a *Navita* (empresa que desenvolve soluções de tecnologia da informação), cuja instalação em Florianópolis foi anunciada em 2003, indicou que a decisão fora influenciada pela “proximidade com a Universidade Federal de Santa Catarina, um dos grandes centros de formação de mão-de-obra.” (NAVITA..., 2003). Entretanto, parece limitar-se a esse fator a principal vantagem da aglomeração, já que, segundo parece, as relações cooperativas locais tendem a ser episódicas e rarefeitas. Tudo indica serem ainda escassas e limitadas as interações existentes, um problema que Campos e Nicolau (1996) deploraram em meados dos anos 90 aludindo à “ausência de complementaridade mais estrita entre os principais integrantes do núcleo científico e do núcleo técnico-industrial” (p. 18), após constatação de que os vínculos observados não transcendiam a órbita da formação de mão-de-obra nas instituições correspondentes.

III ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE
23, 24 e 25 de abril de 2009 – Blumenau, SC
Artigos Científicos
Área Temática: Desenvolvimento regional e meio ambiente

De todo modo, tendo em vista a observada trajetória da indústria de alta tecnologia, o espaço urbano de Florianópolis estaria a representar vantagens às atividades vinculadas. Por trás disso parecem figurar aspectos de multiplicidade e diversidade ligados à própria presença de várias empresas e instituições – particularmente incubadoras de grande porte e estruturas de coordenação/representação –, o que por si só representa externalidades e acena com chances de interações talvez capazes, em futuro próximo, de agregar a proximidade organizacional à proximidade geográfica, atingindo algum nível de complementaridade. Daí talvez a permanente exaltação do significado dessa indústria para Florianópolis, sem que, todavia, se perca de vista a ocorrência de problemas para as empresas, entre eles a carência de espaços adequados à instalação na Ilha de Santa Catarina em virtude dos altos preços praticados no mercado imobiliário (DAL-BÓ, 2008). O reconhecimento, pelo menos em escala estadual, de que a cidade desponta em atividades de alta tecnologia perpassa indicações como as observadas já em meados dos anos 90, no esboço de um “mapa” para investimentos no estado, nas quais a capital era considerada um ambiente atrativo sobretudo para iniciativas relacionadas à informática (SANTIAGO, 1996).

Assim, não surpreende que um dos maiores projetos contemplados neste final de década de 2000 para a Ilha de Santa Catarina refira-se ao Sapiens Parque, desencadeado em agosto de 2008 com o lançamento dos editais iniciais visando a construção das primeiras unidades. Trata-se de megaprojeto localizado no Distrito de Canasvieiras, ao norte da Ilha,

“que pretende abrigar empresas de tecnologia, pesquisa, desenvolvimento e serviços empresariais. (...) O propósito dos prédios (...) é receber empresas de tecnologia ou serviços empresariais. (...) A Sapiens entra com o terreno, e o empreendedor, com recursos financeiros para construir o prédio, sendo que a Sapiens fica com uma participação acionária do negócio.” (KAFRUNI, 2008, p.20).

Palavras como “inovação” e “conhecimento” pontuam as manifestações oficiais sobre a iniciativa, que deverá implicar brevemente – no primeiro semestre de 2009 – obras de infraestrutura no valor previsto de R\$ 5 milhões para permitir a construção dos prédios pelas empresas interessadas. A estimativa é que os investimentos privados alcancem algo como R\$ 15 milhões nessa primeira fase. Ao final do processo de implantação, que se desdobrará por vinte anos em área de 4,5 milhões de m², “deverão estar trabalhando no Sapiens Parque 10 mil pessoas entre tecnólogos e engenheiros, além de outros 20 mil empregos diretos” (ibid.).

5. Uma cidade talvez turística e tecnológica, mas certamente fractal

III ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE

23, 24 e 25 de abril de 2009 – Blumenau, SC

Artigos Científicos

Área Temática: Desenvolvimento regional e meio ambiente

As assinaladas providências em torno do Sapiens Parque, acompanhadas de expectativas acerca da economia, são coerentes com o tipo de visão sobre o futuro de Florianópolis esposada em distintos meios locais. Já no início dos anos 90, relatório do jornal *Gazeta Mercantil* evidenciava uma convergência de posições entre representantes de vários grupos de agentes – do universo empresarial às diversas instituições públicas ou privadas – sobre o caráter estratégico dos investimentos em tecnologia e turismo, referidos como setores forçosamente entrelaçados localmente (FLORIANÓPOLIS, 1993).

De fato, uma cidade simultaneamente tecnológica e turística é como, nas últimas décadas, Florianópolis se apresenta (ou deveria se apresentar) aos olhos de não poucos atores sociais com capacidade de expressão, como ilustrado pelo presidente do Sindicato da Construção Civil, para quem o turismo é o principal modelador do crescimento do setor imobiliário e, por conseguinte, da cidade (SOUSA, 1993). Ligados ao turismo ou não, os investimentos da construção civil têm realmente vincado o espaço urbano, tanto pelo turbilhão edificador do período recente como – em articulação com isso – pela cupidez dos respectivos agentes na extração de vantagens junto o setor público na forma de mudanças no zoneamento, liberação do gabarito e reclassificação de logradouros, entre outras (STALLBAUM; MALLMANN, 1993).

O Sapiens Parque estaria a espelhar uma certa visão de cidade cujo paradigma refere-se às experiências urbanas que, embaladas por um planejamento dito estratégico, mostram-se capazes de atrair investidores no embate com outras cidades (BORJA, 1996). O campo reflexivo, com repercussões no planejamento e na gestão urbana, é o das cidades competitivas, proeminente em termos internacionais na década de 90, como sugere o teor de um número temático da revista *Urban Studies* publicado em 1999 (cf. texto introdutório redigido por Lever e Turok, 1999). Aspecto central dessa visão de cidade é que a busca da competitividade escora-se em esforços – públicos ou patrocinados/amparados por essa esfera – prioritariamente canalizados para sustentar o *marketing urbano*, contexto em que se põe em relevo a cidade “vendável” e, costumeiramente, se deixa de lado a cidade exterior às imagens-símbolo.

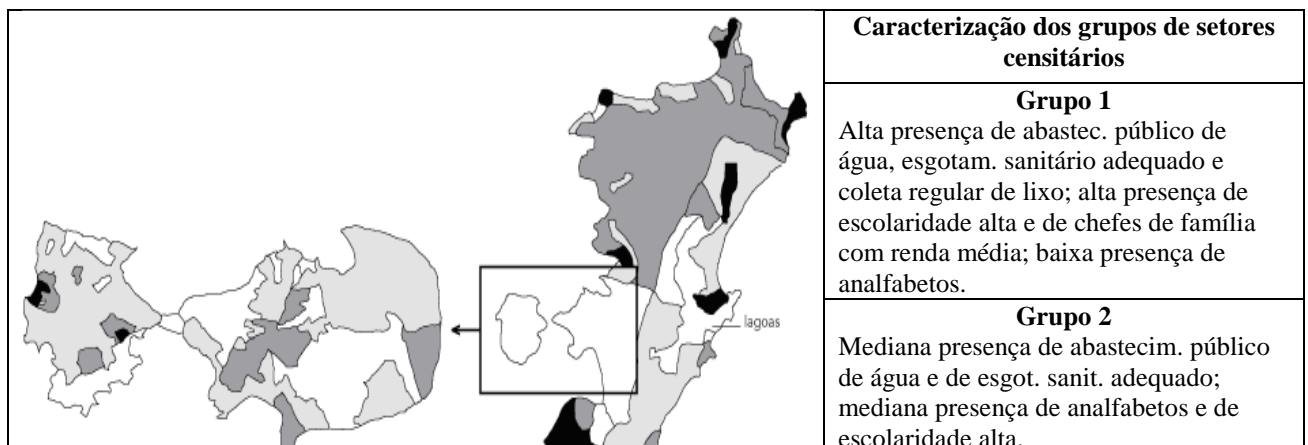
Uma tal “venda” parece bem sucedida em Florianópolis, pois há notícias de que uma proporção alta dos clientes das imobiliárias em atividade na Ilha de Santa Catarina origina-se em outros estados ou outras regiões catarinenses (WILKE, 2001). Com interesse manifestado geralmente por localizações em balneários, tais contingentes exibem um poder aquisitivo cuja magnitude é sugerida por informações de que diferentes empresas têm focado o segmento de

imóveis de alto padrão, os quais são geralmente construídos em locais muito valorizados, como a Lagoa da Conceição (VANIN, 2001).

Ora, é claro que essa cidade, tida como tecnológico-turística e “vendável”, e por isso louvada em *marketing urbano* que exercita a simbologia de um quase reduto de exceção na paisagem urbana brasileira, não corresponde à totalidade de Florianópolis. Tal aspecto faz a recente trajetória de crescimento representar a intensificação do caráter fractal da cidade – diz-se fractal aludindo à dupla origem etimológica do termo: o latim *fractus*, que significa *irregular*, e o também latim *frangere*, que significa *fraturar* (PENA, 2004). E fratura é, de fato, o que se tentou anos atrás, quando comissão de moradores da porção norte da Ilha de Santa Catarina – uma área com doze localidades que compreende a maioria dos principais balneários – liderou movimento pró-autonomia, alegando que a criação de um município próprio sanaria problemas ligados à infra-estrutura e às ocupações irregulares, assim como à falta de incentivos ao comércio; o peso turístico do norte da Ilha figurava na argumentação como garantia de base econômica para o novo município (MARCELO, 2002).

Mas o caráter fractal vincula-se notadamente ao fato de que, embora Florianópolis já tenha despontado entre os municípios brasileiros com os maiores Índices de Desenvolvimento Humano (QUALIDADE..., 1998), a marcada diferenciação interna das condições de vida constitui regra. Auxilia tal percepção o estudo de Lacerda, Calvo e Freitas (2002), baseado no Censo Populacional do IBGE para 1991, que identifica e agrupa os setores censitários com homogeneidade de condições de vida, captadas por diferentes variáveis. A figura 1 indica essas variáveis e revela a configuração espacial resultante da análise.

Figura 1 – Florianópolis: localização de grupos de setores censitários homogêneos quanto às condições de vida, conforme o Censo de 1991



III ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE

23, 24 e 25 de abril de 2009 – Blumenau, SC

Artigos Científicos

Área Temática: Desenvolvimento regional e meio ambiente

	Grupo 3 Baixa presença de coleta de lixo; alta presença de analfabetos e de escolaridade baixa; baixa presença de escolaridade alta; alta presença de chefes de família com renda baixa
	Grupo 4 Baixa presença de escolaridade baixa e de famílias com renda baixa; alta presença de chefes de família com renda alta

Fonte: LACERDA; CALVO; FREITAS (2002), com adaptação pelo autor

Nota-se que a região central registra forte incidência dos grupos de setores censitários com as melhores condições (Grupos 1 e 4), representando mais da metade da população, mas também que setores de condições medianas (Grupo 2) marcam presença. O continente apresenta características positivas, porém registra igualmente bolsões seja com situação mediana, seja com situação negativa extrema (esta referindo-se ao Grupo 3). No norte da Ilha, áreas cujo quadro é predominantemente mediano mostram-se crivadas de ambientes tanto em boas condições como em piores condições. No leste, predominam os setores em boa situação, embora parte da população resida em áreas que exibem os traços mais negativos. No sul, ao lado de uma maioria de setores com condições apenas medianas, ocorre uma elevada presença dos que amargam a situação mais adversa.

O quadro social sofreu deterioração desde então, a julgar pelos dados sobre favelas disponibilizados pela Secretaria de Habitação, Trabalho e Desenvolvimento Social, da Prefeitura Municipal de Florianópolis. Com efeito, já na segunda metade dos anos 90 Florianópolis possuía 65 Áreas de Interesse Social – denominação institucional para comunidades carentes –, 2/3 delas na área central e adjacências e na parte continental (DAGNÓSTICO, 2006). Mais eloqüente é que, como apresentado na tabela 4, a proporção dos contingentes favelados cresceu de um patamar de 9% no final da década de 80 para nível em torno de 16% na primeira metade dos anos 2000.

Tabela 4 – Expansão das favelas em Florianópolis – 1987-2004

Ano	População total (A)	População favelada		No. de favelas
		Total (B)	(B)/(A)*100	
1987	228.246	21.393	9,4	29
1992	254.941	32.290	12,7	42
1996	271.281	40.283	14,8	46
2000	331.784	54.340	16,4	55

III ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE

23, 24 e 25 de abril de 2009 – Blumenau, SC

Artigos Científicos

Área Temática: Desenvolvimento regional e meio ambiente

2004	386.913	61.445	15,9	58
------	---------	--------	------	----

Fonte: elaborado pelo autor com base em Diagnóstico (2006)

Na região central de Florianópolis, a situação dos setores censitários em condições menos favoráveis certamente piorou desde o Censo de 1991. Estudos sobre o Maciço Central de Florianópolis assim indicam. Essa expressão designa um conjunto de morros de orientação norte-sul que separa o centro do município, situado em ponta insular projetada rumo ao continente, de bairros como Trindade e Saco dos Limões. Esses morros registram ocupação cujas origens referem-se pelo menos ao início do século XX, e sempre se caracterizaram pela presença largamente majoritária de famílias de baixa renda às voltas com vários níveis de carências. No decorrer do tempo os focos iniciais se alastraram, formando manchas de ocupação não raro pontilhadas de pequenos enclaves de residências de classe média (SCHEIBE et al., 2004). Todavia, o quadro social no Maciço agravou-se recentemente, a reboque das intensas migrações de contingentes pobres.

Num processo que se revelou intenso desde os anos 90, novas áreas de ocupação ganharam forma e vigor. Um exemplo é o Alto da Caieira, que representa alastramento ocupacional pela multiplicação de barracos em locais crescentemente íngremes e com grandes riscos. Pimenta e Pimenta (2004) assinalam que a maioria da população do Alto da Caieira é de famílias “expulsas” pela reestruturação produtiva da agroindústria do Oeste do estado e dos setores que marcam a paisagem industrial do Vale do Itajaí, assim como pela escassez de possibilidades no Planalto catarinense. A instalação desses contingentes nesse tipo de local reflete, além de busca da proximidade ao centro urbano principal, a absoluta impossibilidade de fixação em outras áreas devido ao preço do solo, para não falar da precariedade das políticas públicas. O quadro local é de dificuldades enormes, coerentes com níveis de renda familiar que espelham a inquietante situação do emprego e se traduzem em condições habitacionais deploráveis, carentes ao extremo no que concerne à infra-estrutura urbana (coleta de lixo, esgotamento sanitário, pavimentação). Serviços públicos em educação, saúde e segurança são gritantemente insuficientes, ao que se somam as mazelas derivadas de uma criminalidade galopante, sintoma das poucas possibilidades com se deparam os jovens.

Também no norte da Ilha o caráter fractal ganhou intensidade, pois a proliferação das áreas socialmente vulneráveis espalhou-se nessa direção. Tal difusão constitui processo recente em Florianópolis e tem contribuído para remodelar a geografia da pobreza no município. Na base está o fato de que o fervilhar turístico do verão magnetiza contingentes

em busca de ocupação e renda, mas as vinculadas chances se contraem – ou desaparecem – ao fim de cada temporada, impulsionando atividades como as dos catadores de lixo. Uma favelização em condições de grande adversidade, como observado em áreas de dunas, é reflexo desses processos, algo tanto mais agressivo ao senso comum na medida em que o contexto são os balneários que cintilam no marketing turístico local, impondo em espaços quase contíguos uma distância oceânica entre as condições vividas: sub-ocupação, desemprego, rendimentos obscenamente baixos e ausência de infra-estrutura urbana mínima, apresentando-se o conjunto perpassado por uma eloqüente disseminação da criminalidade, compõem microcosmos locais que, não sem ironia, cravejam alguns dos principais cartões postais da Ilha, *pièces de résistance* do marketing turístico local e ambientes de elevado consumo de lazer e entretenimento.

As localidades no norte da Ilha onde a vulnerabilidade social campeia são numerosas. Uma ilustração concerne à Vila União, situada em Vargem do Bom Jesus e integrada (ao menos na origem) por famílias que antes estavam às margens da Via Expressa que liga Florianópolis à BR-101 e foram removidas para conjunto habitacional edificado na área. Muito pior é a situação da Vila Arvoredo, pejorativamente referida como Favela do Siri, localizada nas dunas da Praia dos Ingleses, um dos ícones do turismo ilhéu. Com mais de 160 famílias, a localidade registra entre outras mazelas o perigo do avanço das dunas, um processo que nos últimos anos provocou o soterramento de algumas de suas ruas (WINCK, 2008). Mas o avanço da areia rumo aos casebres, numa velocidade em torno de 6,8 metros ao ano, é só uma das graves questões presentes. Gazzoni e Teixeira (2008) evidenciam um quadro socioeconômico e ambiental-sanitário altamente problemático: a dramática falta de perspectivas é combustível certo para uma criminalidade crescente, e a prática de captação clandestina de água, associada à multiplicação de fossas, põe o existente aquífero em risco, além de afetar a saúde dos moradores.

6 . À guisa de conclusão

Turismo e desenvolvimento de *software* formam par de setores dos mais representativos na estrutura econômica de Florianópolis. Pode-se dizer que o comportamento de ambos estribou-se numa conjunção favorável de atributos locais e, ao mesmo tempo, reverberou no fortalecimento da atratividade neles incrustada. Isso fez Florianópolis persistir na condição de ambiente propício aos investimentos associados. De fato, a tendência de ampliação da capacidade de hospedagem, que é resposta à movimentação turística e

III ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE

23, 24 e 25 de abril de 2009 – Blumenau, SC

Artigos Científicos

Área Temática: Desenvolvimento regional e meio ambiente

simultaneamente vetor de engrossamento dos fluxos, envolve, além de algumas iniciativas locais, empresas de hotelaria de diferentes bandeiras, algumas de origem internacional. No mesmo diapasão, a vinda de empresas de alta tecnologia reflete uma sedução das condições locais que investimentos como os prometidos para o Sapiens Parque haverão de intensificar. A noção *myrdaliana* de causação circular acumulativa (MYRDAL, 1968) auxilia a discernir os processos em questão, e as considerações sobre o papel econômico das cidades, apresentadas no início do artigo, proporcionam um útil enquadramento teórico.

Mas o que se falou sobre diversidade, heterogeneidade e multiplicidade como traços dos ambientes urbanos, no que estes autorizam referência ao *foucaultiano* termo “heterotopia”, também constitui “chave de leitura” para a experiência de Florianópolis, particularmente da Ilha de Santa Catarina. Com efeito, o mesmo tecido urbano com características que, justificadamente ou não, ensejam manifestações de exaltação, abriga a silenciosa e progressiva consolidação de uma realidade em quase nada distinta das que se observam em outros ambientes urbanos, em outros estados e regiões. Realçar o caráter fractal desse tecido urbano, algo mais que implícito na abordagem deste artigo, significa um rechaço à idéia, presente em alguns discursos locais e mesmo extra-locais, de que a situação florianopolitana é uma espécie de exceção no quadro ultra-problemático de boa parte do meio urbano brasileiro.

Referências

- BASTOS, A. Êxodo juvenil. **Diário Catarinense**, p. 26-31, 27 maio 2001.
- BECATTINI, G. Le district marshallien: une notion socio-économique. In: BENKO, G.; LIPIETZ, A. (dirs.). **Les régions qui gagnent**. Paris: Presses Universitaires de France, 1992, p. 35-55.
- BORJA, J. As cidades e o planejamento estratégico: uma reflexão européia e latino-americana. In: FISCHER, T. (org.). **Gestão contemporânea, cidades estratégicas e organizações locais**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 79-99.
- BRAUDEL, F. **Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII**. Volume 1: As estruturas do cotidiano. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de S. Paulo, 2003.
- CAMPOS, R. R.; NICOLAU, J. A. Redes em C&T: a tentativa de criação do pólo de Florianópolis. **Texto para Discussão**, n. 5, maio 1996.
- CARNEIRO, C. M. Cem mil habitantes numa ilha sem recursos próprios. **O Estado de S. Paulo**, p. 16, 6 mar. 1964.
- CASCAES, F. **O fantástico na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1979.
- CASTELLS, M. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- DAL-BÓ, G. A Ilha do Silício. **Diário Catarinense**, p. 24-25, 16 nov. 2008.

III ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE

23, 24 e 25 de abril de 2009 – Blumenau, SC

Artigos Científicos

Área Temática: Desenvolvimento regional e meio ambiente

- DEAR, M.; FLUSTY, S. Postmodern urbanism. **Annals of the Association of American Geographers**, 88(1), p. 50-72, 1998.
- DEBONA, D. Oeste esvaziado. **Diário Catarinense**, p. 4-5, 31 mar. 2008.
- DIAGNÓSTICO das Áreas de Interesse Social. Prefeitura Municipal de Florianópolis/Secretaria de Habitação, Trabalho e Desenvolvimento Social, Florianópolis, ago. 2006.
- ESGOTO afasta turista da Praia dos Ingleses. **Diário Catarinense**, Florianópolis, p. 7, 23 jan. 1991.
- FABRIS, V. A estrela do verão brasileiro. **Gazeta Mercantil – Relatório**, p. 1, 30 nov. 1993.
- FALLOWS, J. Consider Brazil. **The Atlantic online**. Obtido em: <www.theatlantic.com/unbound/jfnpr/jf40816.htm> . Acesso: ago. 2003.
- FARIA, F. A explosão dos shoppings. **Diário Catarinense**, p. 14-15, 14 set. 2006.
- FARIA, V. E. Cinquenta anos de urbanização no Brasil: tendências e perspectivas. **Novos Estudos**, 29 p. 98-119, mar. 1991.
- FAZEY, I. H. A Europa reage contra o declínio das cidades. **Gazeta Mercantil**, p. 14, 27 jul. 1993.
- FELDMAN, M. P.; AUDRETSCH, D. B. Innovation in cities: science-based diversity, specialization and localized competition. **European Economic Review**, 43, p. 409-429, 1999.
- FLORIANÓPOLIS. Relatório da Gazeta Mercantil, 30 nov. 1993.
- FOUCAULT, M. Outros espaços. In: **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 411-422. (Ditos e escritos; III).
- GAZZONI, M.T.; TEIXEIRA, T. Chão de Areia: retrato social, político e ambiental da ocupação irregular das dunas dos Ingleses na Vila Arvoredo. IX CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, Guarapuava, 29 a 31 maio 2008.
- GLAESER, E. L. Are cities dying? **Journal of Economic Perspectives**, 12(2), p. 139-160, Spr. 1998.
- GOMELSKY, V. Finding her Brazilian groove. **The New York Times**, 07 Nov. 2004. Disponível em <www.nytimes.com> Acesso em nov. 2004.
- GRANDES grupos investem em SC. **Caderno Imobiliário**, p. 34. Suplemento especial do Diário Catarinense de 4 set. 1993.
- KAFRUNI, S. Condomínio tecnológico sai do papel. **Diário Catarinense**, p. 20, 22 ago. 2008.
- LACERDA, J.T. de; CALVO, M.C.M.; FREITAS, S.F.T. de. Diferenciais intra-urbanos no Município de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil: potencial de uso para o planejamento em saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, 18(5), p. 1.331-1.338, set./out. 2002.
- LEFEBVRE, H. **La révolution urbaine**. Paris: Gallimard, 1970.
- LEVER, W.F.; TUROK, I. Competitive cities: introduction to the review. **Urban Studies**, 36(5-6), p. 79-793, 1999.
- LINS, H. N. Florianópolis, *cluster* turístico?. **Turismo em Análise**, São Paulo: USP/ECA, 11(2), p. 55-70, nov. 2000.
- LINS, H. N. Competitividade internacional em Software: um estudo sobre a experiência de Florianópolis. **Análise Econômica**, 23(44), p. 67-91, set. 2005.
- LINS, H. N. Sistemas agroalimentares localizados: possível “chave de leitura” sobre a maricultura em Santa Catarina. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, 44(2), p. 313-330, abr./jun. 2006.
- LINS, H. N. Interações, aprendizagem e desenvolvimento: ensaio sobre o turismo em Florianópolis. **Turismo – Visão e Ação**, 9(1), p. 107-120, jan./abr. 2007.
- LÜCKMAN, A. P. Vida no campo envolve 10% da população da Capital. **ANCapital**, p. 6, 30 nov. 1995.

III ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE

23, 24 e 25 de abril de 2009 – Blumenau, SC

Artigos Científicos

Área Temática: Desenvolvimento regional e meio ambiente

- MALMBERG, A.; MASKELL, P. Towards an explanation of regional specialization and industry agglomeration. **European Planning Studies**, 5(1), p. 25-41, 1997.
- MARCELO, C. Mobilização para emancipar o Norte. **Diário Catarinense**, p. 4, 7 jul. 2002.
- MARX, K. [1857-1858]. **Grundrisse der kritik de politischen ökonomie**. London: Penguin, 1973.
- MATTOS, C. A. de. Transformación de las ciudades latinoamericanas: impactos de la globalización? **EURE (Santiago)**, 28(85), p. 5-10, dic. 2002.
- MENEZES, C. Brasil em dois tempos. **CartaCapital**, p. 14-19, 28 ago. 2002.
- MINGORI, J. **O desenvolvimento turístico na Ilha de Santa Catarina: dos percalços do turismo massivo às proposições de um turismo sustentável – a análise do Projeto Ambiente Sul**. Florianópolis, 2001. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina.
- MIRANDA, C. Mundo rural se revela na Ilha. **Diário Catarinense**, p. 42-43, 3 mar. 1996.
- MIOTO, B. T. **Movimentos migratórios em Santa Catarina no limiar do século XXI**. Florianópolis, 2008. Monografia (Curso de Graduação em Ciências Econômicas) – Universidade Federal de Santa Catarina.
- MYRDAL, G. **Teoria econômica e regiões subdesenvolvidas**. Rio de Janeiro: Saga, 1968.
- NAVITA pretende ganhar mercado externo em 2004. **NetComex**, 14 jul. 2003. Obtido em: <www.netcomex.com.br/noticias/materia.asp?a=6573> Acesso: maio 2004.
- NICOLAU, J. A.; ALMEIDA, C. C. R. Arranjos produtivos de informática: Blumenau, Florianópolis e Joinville. In: **Programa Estratégico de Desenvolvimento com Base na Inovação: Relatório Geral**. Florianópolis: UFSC – Programa de Pós-Graduação em Economia, out. 2005.
- OLIVEIRA, C. A. de. Crescimento das cidades brasileiras na década de noventa. **Economia**, Brasília, v. 7, n. 3, p. 431-452, set/dez 2006.
- PENA, F. Biografias em fractais: múltiplas identidades em redes flexíveis e inesgotáveis. **ALCEU**, 4(8), p. 94-105, jan./jun. 2004.
- PIMENTA, L.F.; PIMENTA, M. de C.A. Final de século e novos espaços da pobreza: os morros de Florianópolis. XIV ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, Caxambu, 20 a 24 set. 2004.
- QUALIDADE de vida. **Folha de S. Paulo**, 9 set. 1998.
- QUIGLEY, J. M. Urban diversity and economic growth. **Journal of Economic Perspectives**, 12(2), p. 127-138, Spr. 1998.
- REMY, J. **La ville: phénomène économique**. Bruxelles: Les Editions Vie Ouvrière, 1966.
- ROGERS, D. Brazil's sexiest secret. **Daily Telegraph**, London, 08 Mar. 2006. Disponível em <www.telegraph.co.uk> Acesso em mar. 2006.
- SANTIAGO, A. Um mapa para investimentos. **Balanço Anual Gazeta Mercantil: Santa Catarina**, n. 3, p. 46-48, jul. 1996.
- SCHEIBE, L.F. et al. Plano Comunitário de Urbanização e de Preservação do Maciço Central de Florianópolis. 2º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, Belo Horizonte, 12 a 15 set. 2004.
- SILVA, A. S. A Flórida brasileira. **Veja**, p. 87-88, 4 jun. 2003.
- SOUSA, J.J. de. Turismo vai modelar crescimento. **Diário Catarinense**, p. 27, 4 set. 1994. (Caderno Imobiliário).
- STALLBAUM, I.; MALLMANN, R. Plano diretor, festival de casuismos. **Diário Catarinense**, p. 36, 23 mar. 1993.
- STORPER, M.; WALKER, R. **The capitalist imperative: territory, technology, and industrial growth**. New York: Basil Blackwell, 1989.

III ENCONTRO DE ECONOMIA CATARINENSE

23, 24 e 25 de abril de 2009 – Blumenau, SC

Artigos Científicos

Área Temática: Desenvolvimento regional e meio ambiente

TORRE, A.; GILLY, J-P. On the analytical dimension of proximity dynamics. **Regional Studies**, 34(2), p. 169-180, 2000.

TURN up the lights. **The Economist**, Jul. 29th. (A Survey of Cities).

ULLMAN, E. L. The nature of cities reconsidered. In: LEAHY, W. H.; McKEE, D. L.; DEAN, R. D. (eds.). **Urban economics: theory, development and planning**. New York: The Free Press, 1970, p. 3-20.

VANIN, A. Trem aposta em imóveis de alto valor agregado. **Gazeta Mercantil Santa Catarina**, p. 4, 28 set. 2001. (Imóveis).

VEBER, E. M. **Uma abordagem sobre a dinâmica urbana com ênfase no desempenho da construção civil: estudo de caso na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis, 2004. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas) – Universidade Federal de Santa Catarina.

VOGEL, D. Ascensão, queda e a volta dos “eletrosuis”. **Veja Santa Catarina**, p. 6-9, 8 mai. 1991.

WILKE, J. Compradores de fora movimentam imobiliárias. **Gazeta Mercantil Santa Catarina**, p. 4, 28 set. 2001. (Imóveis).

WINCK, A. Bolsões de pobreza preocupam no norte da Ilha. **Folha do Norte da Ilha**, 22 ago. 2008.

XAVIER, M. A informática migra para Santa Catarina. **Veja Santa Catarina**, p. 8-11, jun. 1991.